

O ABADE E SUA ESTRATÉGIA ILUMINADA: A QUERELA DA POESIA PURA

Eliana Petrillo Januzi¹

RESUMO

Este artigo dá notícia da Querela da Poesia Pura, bem como dos envolvidos na questão, ao mesmo tempo em que procura refletir sobre as possíveis razões para a eclosão desse importante movimento crítico-literário que teve lugar na Paris dos anos 20 do século passado. Aparentemente, conceitos equivocados de Henri Bremond, apresentados em conferência pronunciada na Academia Francesa, em sessão pública das cinco Academias que compõem o Instituto de França, foram a causa da polêmica, na medida em que ele atrelava suas ideias às de Paul Valéry – indiscutivelmente opostas. Há razões para se acreditar que o objetivo de Bremond era, mais do que discutir conceitos, dar visibilidade a Valéry, candidato a uma vaga na Academia Francesa; e, mais do que apoiar a candidatura de Valéry, impedir a eleição do seu adversário, Leon Bérard, advogado e político bem sucedido da direita radical, futuro colaborador de Vichy e personagem considerado, hoje, indigno das honrarias que recebeu no passado – o que permite supor que a contradição provocada por Bremond tenha sido proposital – estratégia pura.

Palavras-chave: Henri Bremond, crítica literária, poesia pura.

RESUME

Cet article parle de la Querelle de la Poésie Pure, aussi bien que des impliqués dans cette question, au même temps qui cherche de réfléchir sur les possibles raisons de l'éclosion de cet important mouvement critique-littéraire qui a eu lieu dans la Paris des années 20 du dernier siècle. Apparemment, les idées fausses de Henri Bremond, présentées à la conférence donnée à l'Académie française, en séance publique des cinq académies qui composent l'Institut de France, ont été la cause de la controverse, dû au fait qu'il a attaché ses idées à celles de Paul Valéry - sans doute opposés. Il y a des raisons de croire que l'objectif de Bremond était, plus de discuter des concepts, donner de la visibilité à Valéry, qui était candidat à un poste vacant à l'Académie française. En outre, plutôt que soutenir la candidature de Valéry, Bremond a essayé

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira

d'empêcher l'élection de son adversaire, Leon Berard, un avocat et homme politique à succès de la droite radicale, collaborateur de Vichy, caractère considéré aujourd'hui indigne des honneurs qu'il a reçu dans le passé - ce qui suggère que la contradiction provoquée par Bremond a été délibérée, pure stratégie.

Mots-clés: Henri Bremond, critique littéraire, poésie pure.

Este ensaio propõe-se a discutir a Querela da Poesia Pura – embate literário que se instalou em Paris em 1925 e se estendeu até 1930 –, apresentando fatos que a antecederam e sucederam, buscando, com isso, estimular novas reflexões sobre esse importante momento da cena crítica francesa. Paralelamente, como não poderia deixar de ser, são comentadas críticas sobre “poesia pura”, a partir das noções do abade Henri Bremond, aquele mesmo que provocou a célebre Querela:

Já familiar a Platão e a Goethe, a noção que essas palavras [poesia pura] devem um dia exprimir preside à estética de Poe e de Baudelaire, àquela de M. Bradley, de Middleton Murry e de muitos outros... “Poesia em si”, “essência da poesia”, “poesia pura”, tantas expressões no fundo idênticas. (BREMOND *apud* DECKER, 1962, p.2)

Tudo começou no dia 24 de outubro de 1925. Henri Bremond, então membro da Academia Francesa, pronunciou, em sessão pública das cinco Academias que compõem o Instituto de França, conferência sob o título “A Poesia Pura”. As contradições daí surgidas colocaram em evidência a expressão e provocaram, a partir de então, discussões que merecem registro.

O ponto de partida para a famosa polêmica literária foi o prefácio de Paul Valéry ao *Connaissance de la déesse*, de Lucien Fabre, retomado por Bremond – para muitos, de forma equivocada – para defender sua ideia de poesia pura. Na verdade, Bremond usou, de Valéry, apenas a expressão; a teoria era outra. Enquanto Valéry defendia que “o inconveniente desse termo poesia pura é que ele faz sonhar com uma pureza moral que não está em questão aqui, a ideia de poesia pura sendo, ao contrário, para mim, uma ideia essencialmente analítica” (VALÉRY, 1957, p. 10), Bremond entendia que

“reduzir a poesia às exigências do conhecimento racional, do discurso, é ir contra a própria natureza; é querer um círculo quadrado.” (BREMOND, 1926, p. 5)

É bom lembrar que, antes mesmo de se instalar a Querela, há registros de reflexões sobre o assunto. Jean Royère credita a essa “ideia platônica” a inspiração para seu *Eurythmies*, publicado em 1904, e acusa Bremond de ter se apropriado de sua ideia; afinal, poucos meses após a publicação do prefácio de Valéry, Royère havia publicado, na *L'Europe Nouvelle*:

Car contrairement à ce qu'affirme M. Paul Valéry, dans la préface d'un livre récent, la poésie pure n'est pas un idéal abstrait et je n'y vois pas davantage une région irrespirable que l'on ne peut que traverser. Elle est la transcription, l'expression, des sentiments fondamentaux, l'art de l'âme et de la vie. (ROYÈRE *apud* ARNOLD, 1970, p. 446)²

Henry Decker, em *Pure poetry*, dá notícia de que o próprio Valéry surpreendeu-se ao ver seu nome ligado a uma teoria que não era a sua, e manifestou essa surpresa em uma de suas entrevistas publicadas em 1926 por Frédéric Lefèvre, entrevistas essas precedidas de um prefácio de Bremond – um deles com uma repreensão a Valéry: “Feliz Valéry, cujo nome continua associado à noção de poesia pura! Ele ousa reclamar disso, o ingrato!” (BREMOND, *apud* DECKER, 1962, p. 1)

Em seu discurso, Bremond sugere que a sua teoria aproxima-se daquela de Valéry, mas não é o que expressa em carta a Robert de Souza, escrita no final de 1924, em resposta a advertência do próprio Souza sobre o risco de ocorrer um mal-entendido perigoso entre os teóricos citados por ele, Bremond, no célebre discurso:

Valéry só apareceu [no discurso] como pretexto. Eu queria seu sucesso, mas era preciso prepará-lo. De fato, todas as minhas pequenas ideias se formaram fora de sua influência – e da de Mallarmé, Baudelaire, etc., etc. Vieram-me simplesmente ao pesquisar os fatos místicos. Minha formação literária – poética – é completamente superficial, e sobretudo arcaica. É escandaloso, mas sou sobretudo sensível à poesia latina – Lucrécio, Catulo, Virgílio – e inglesa: Shakespeare, Keats, Wordsworth. Li muito os esteticistas amadores ingleses: o velho Keble, Mat. Arnold, Bradley, Middleton Murry – Poe, é lógico. Não li mais do que 200 versos de Valéry, e não o releio.” (BREMOND *apud* DECKER, 1962, p.3)

² “Pois, contrariamente ao que afirma o Sr. Paul Valéry, no prefácio de um livro recente, a poesia pura não é um ideal abstrato e eu não a vejo como uma região irrespirável a ser atravessada. Ela é a transcrição, a expressão de sentimentos fundamentais, a arte da alma e da vida.” (tradução nossa).

William Marx dá uma ideia precisa do que ele considera mais do que um “duelo de campeões”: Bremond discursou no sábado; já na segunda-feira, Paul Souday criticou, com vigor, as teses apresentadas por Bremond. Este, exatamente uma semana depois da sua comunicação à Academia, ou seja, dia 31 de outubro de 1925, replicou a Souday, dando início a uma série de doze artigos publicados semanalmente nas colunas do *Nouvelles Littéraires* – os “*Eclaircissements*”³ –, o que se estendeu até 16 de janeiro de 1926. Outros críticos parisienses entraram no debate, o que tornou o inverno de 1925-1926 “*celui de la poésie pure.*” (expressão de THIBAUDET, *apud* MARX, 2002, p. 358)

Intolerância maior a Bremond veio de Souday, crítico do *Temps*: “*J’aime ces amants de la poésie qui vénèrent trop lucidement la déesse pour lui dédier la mollesse de leur pensée et le relâchement de leur raison.*”⁴ (SOUDAY *apud* ARNOLD, 1970, p. 447) Bom lembrar que a hostilidade entre os dois era antiga. E nem poderia ser diferente; afinal, enquanto Bremond reunia em torno de si os partidários da mística, da inspiração e do neo-romantismo, Souday representava o racionalismo de Voltaire.

A polêmica espalhou-se com rapidez, na França e fora dela. Nos Estados Unidos, Souday publicou no *New York Book Review* o artigo “Edgar Poe et la théorie de la poésie pure”, o que provocou os ingleses a também fazerem publicar esse artigo em seus jornais e revistas. (Cf. MARX, 2002, p. 358)

Há razões para se acreditar que a preocupação de Bremond era, mais do que discutir uma ideia, defender e apoiar a candidatura de Valéry a uma vaga na Academia Francesa, o que permite supor que a contradição gerada pelo seu discurso tenha sido proposital – uma estratégia, talvez. Arnold dá pistas que reforçam essa suspeita, ao comentar *La poésie pure*, de Robert de Souza, preparada a partir dos “*Éclaircissements*”, tal como se depreende de fragmento desse trabalho, publicado no *Mercure de France*, em fevereiro de 1926, sob o título “*Débat sur la poésie*”:

³ O conjunto desses artigos foi publicado no mesmo ano, juntamente com *Prière et Poésie*, onde Bremond desenvolveu suas reflexões de maneira menos polêmica. (Cf. MARX, 2002, p.358).

⁴ “Gosto desses amantes da poesia que veneram com muita lucidez a deusa, para disfarçar a moleza do seu pensamento e o afrouxamento da sua razão.” (tradução nossa).

Grand admirateur littéraire de M. Paul Valéry, pour détoner de la marche au fauteuil l'obstacle que son candidat reconstruit dans le reproche d'obscurité qui lui était fait généralement, il finit à rattacher toute sa défense du lyrisme à l'auteur même de *Charmes*.⁵ ((SOUZA *apud* ARNOLD, 1970, p. 449)

Arnold contesta essa “admiração literária” percebida por Souza, valendo-se, para isso, de trecho de carta de Bremond – que o próprio Souza viria a publicar, três anos após a morte dele [Bremond] – e que parece explicar o inexplicável:

À cause de cette élection prochaine – et à laquelle je tiendrais beaucoup pour bien des raisons, je suis obligé de doser et surtout de pâilir mes réserves.⁶ (BREMONT *apud* ARNOLD, p. 449)

A última expressão “pâilir mes réserves”, se não ambígua, é, no mínimo, obscura. Traduzida literalmente: “empalidecer minhas reservas”, bem poderia significar “ser indiscreto”, ou melhor ainda, “aprontar uma bela confusão” para, assim, colocar em evidência determinado candidato. Não seria essa a confissão de um estrategista? Ao deixar claro que não pôde ser discreto em relação a Valéry em função das eleições, “para o que eu teria muitas e boas razões”, Bremond foi deliberadamente obscuro em relação aos seus reais objetivos. E mais: Arnold cita Gillouin, para quem os “*Éclaircissements*” de Bremond foram, na verdade, “*Obscurcissements*”. “Esclarecimentos” obscuros não fariam parte do jogo, não seriam intencionais? (Cf. ARNOLD, 1970, p. 449-450)

A partir daí, a pergunta que se faz quando se remete a essa verdadeira batalha literária que aconteceu na Paris dos anos 20 é: por que Bremond escolheu Valéry como apoio para o seu pensamento se suas noções iam de encontro àquelas? A resposta, melhor procurá-la nos intelectuais que se empenharam, na época, em discutir o assunto.

Decker dá notícia de que Bremond trabalhava no prefácio do *Paul Valéry*, de Lefèvre, tendo à mão o *Mallarmé*, de Thibaudet e as *Clartés sur la poésie*, de Royère,

⁵ “Grande admirador literário do Sr. Paul Valéry, para enfrentar o obstáculo que seu candidato a uma cadeira [na Academia] encontrava, já que era com frequência censurado por sua obscuridade, ele [Bremond] ligou toda a sua defesa do lirismo ao próprio autor de *Charmes*.” (tradução nossa).

⁶ “Por causa da proximidade dessa eleição – e para o que eu teria muitas e boas razões, fui obrigado a medir e sobretudo a diminuir minhas reservas.” (tradução nossa).

quando lhe foi pedido que escolhesse um assunto para o discurso na Academia. Fatalista, “atormentado por Lefèvre, obsedado por Valéry, dividido entre Thibaudet e Royère, como hesitar? Escolhi a poesia pura.” (BREMONT *apud* DECKER, 1962, p. 4)

Na verdade, a discussão toda girou em torno do emprego dos termos “puro” e “impuro”, o que levou Pierre-Quint a dizer que a discussão inteira era uma “briga de palavras, como acontece normalmente, mal definidas”. Lefèvre é mais explícito: “É curioso ver uma expressão bastante negligentemente lançada, tomar um valor espantoso ao passar de boca em boca. O que se tinha escrito como expressão convencional parece designar uma realidade em si que uns e outros se esmeravam em definir.” (Cf. DECKER, 1962, p. 4-5)

O discurso de Bremond deixa patente, a partir de comentários a fragmentos de poemas, a sua aversão à poesia-razão e a sua tentativa de compreensão do que chama de “zona profunda onde fermenta a inspiração, onde só se percebe, com o Péricles de Shakespeare, a música das esferas”. Argumentando contra a “magia sugestiva” de Baudelaire, a “magia reconfortante” dos místicos e o “apelo do interior” de Wordsworth, Bremond encontra sua fórmula: as artes “aspiram todas a se unir à prece”. Para ele, “se o poder de sugerir e de evocar se dirigir exclusivamente às nossas faculdades de superfície, estaremos no campo da prosa pura.” (Cf. DECKER, 1962, p. 6-7) E, ainda que enfatizando sua oposição à poesia-razão, Bremond, a despeito da discordância explícita de Valéry, continua creditando a ele a formulação de uma certa noção de poesia-pura:

Talvez nos faltasse uma dessa fórmulas com a qual ninguém pode se enganar. Valéry, matemático pitoresco, tem justamente o dom dessas fórmulas decisivas. O supremo piparote foi ele quem deu, e vimos cair em pedaços o morno trono da poesia-razão. (BREMONT *apud* DECKER, 1962, p. 4)

Valéry confessa que usou o termo “pura” no sentido usado pela Física, ou seja, pura de elementos não poéticos. Para ele, sendo a poesia resultado do uso da linguagem, instrumento “de origem estatística e de destinação puramente prática”, cabe ao poeta, usando esse instrumento prático realizar uma obra não prática. Para Valéry, “a linguagem comum é o fruto da desordem da vida em comum”, usada para servir a interesses necessários à formação de relações. Já a linguagem poética, embora utilizando os mesmos elementos vulgares, deve servir à formação de uma ordem ideal.

Enfim, a prosa detalha, etiqueta, mantém-se na superfície; a poesia, ao contrário, busca expressar o inexprimível, combinar palavras não pela conformidade dos significados com um pensamento, mas pelos efeitos que ela produz sobre os homens. Quanto à poesia pura, trata-se, na verdade, de uma impossibilidade prática, sendo recomendada apenas como um objetivo teórico, já que é “aquela de um tipo inacessível, de um limite ideal dos desejos, do esforço e dos poderes do poeta.” (Cf. VALÉRY, 1957, p. 10-16) Ou, nas palavras de Robert Warren, “a poesia quer ser pura, mas os poemas não. [...] Os poemas querem nos dar poesia, que é pura [...]” (WARREN, In: RAMSOM, 1951, p. 2)

Para Marx, o grande papel de toda essa polêmica foi encabeçar a frente da cena crítica entre 1925-1930. Marx discorre sobre o paralelo música e poesia. Até o séc. XVIII prevalece a máxima de Simonide de Céos (VI a.C.): a pintura é uma poesia muda; a poesia, uma pintura que fala. Essa visão muda com Lessing (*Laocoon*), em 1766, que faz a distinção da arte em duas classes: (1) a da justaposição ou simultaneidade, que diz respeito às artes plásticas; e (2) a da sucessividade, que diz respeito à literatura e à música. A partir daí, o valor arquetípico da música não pára de crescer até o séc. XIX, com a formulação de Walter Pater: “tout les arts aspirent à rejoindre la musique”. Finalmente, no séc. XX, tem-se Bremond e seus questionamentos sobre o paralelo música-poesia:

Il n’y a pas de poésie sans une certaine musique verbale, d’ailleurs si particulière que peut-être vaudrait-il mieux l’appeler d’un autre nom; et dès que cette musique frappé des oreilles faites pour l’entendre, il y a poésie. Mais nous ajoutons aussitôt qu’une chose aussi chétive – quelques vibrations sonores, un peu d’air battu – ne saurait être l’élément principal, encore moins unique, d’une expérience où le plus intime de notre âme se trouve engagé. (BREMOND *apud* MARX, 2002, p. 359)⁷

Contraditório, apesar de propor a eliminação dos elementos impuros do poema e só deixar os recursos musicais das palavras, Bremond questiona a assimilação da música pela poesia. Embora sinalizando em direção a uma certa doutrina simbolista: “Le poete n’est qu’un musicien entre les autres. Poésie, musique, c’est la même

⁷ “Não há poesia sem uma certa música verbal, aliás tão particular que talvez fosse melhor chamá-la de um outro nome; e desde que essa música alcance ouvido capaz de entendê-la, há poesia. Mas nós acrescentamos em seguida que uma coisa tão débil – algumas vibrações sonoras, um pouco de ar batido – não será o elemento principal, menos ainda o único, de uma experiência onde o mais íntimo da nossa alma se encontra comprometido.” (tradução nossa).

chose” (BREMONT *apud* MARX, 2002, p. 360)⁸, Bremond considera o paralelo música-poesia um elemento desfavorável à poesia, pois um poema jamais poderia rivalizar, sob o ponto de vista da sonoridade, com uma obra-prima musical. E a prosa pode ser musical sem, por isso, levar o nome de poesia – explicação esta que, ao final, não parece esclarecer muito. Marx reconhece que, apesar das artimanhas que usou nas suas explicações, Bremond, na verdade, afastou a poesia pura da poesia simbolista. (Cf. Marx, 2002, p. 359-361)

Marx lembra que, por mais escandalosa que a tese de Bremond possa parecer, ela é de uma “simplicidade bíblica”, já que importa apenas que os versos sejam dotados de intensidade poética independentemente do sentido. Enfim, a grande invenção de Bremond foi menos a noção clássica de poesia pura como essência do que a noção de uma poesia impura. (Cf. Marx, 2002, p. 360) Sobre pureza e impureza, vale registro da opinião de Witold Gombrowicz, na sua irreverente *Contre la poésie*:

Por que não amo a poesia pura? Pelas mesmas razões que me fazem não gostar do açúcar “puro”. O açúcar é delicioso quando o tomamos com café, mas ninguém comeria um prato de açúcar: seria demais. E em poesia, o excesso cansa: excesso de poesia, excesso de palavras poéticas, excesso de metáforas, excesso de nobreza, excesso de depuração e de condensação que confundem o verso com um produto químico. (GOMBROWICZ, 1988, p. 2)

Gombrowicz reconhece a monotonia a que o trabalho de depuração reduz o poema: um estilo desumanizado, que pode até tocar a sensibilidade “profissional” de um outro poeta, mas que não atinge a sensibilidade do homem comum. Em consequência, os que o escutam nem sempre reconhecem a superioridade de que os poetas se acham revestidos e, menos ainda, a sua autoridade: “Em dez poemas, um ao menos cantará o poder do verbo e da alta missão do poeta, o que prova que o “verbo” e a “missão” estão em perigo... (GOMBROWICZ, 1988, p. 5)

Henriqueta Lisboa, mais suave, reafirma a crítica de Gombrowicz:

Seja como for, libertada das formas elementares da paixão (que não são formas criadoras), do juízo afeito a discernir o real do irreal (impróprio à beatitude poética), da cópia servil das coisas, da lógica prosaica, da eloquência oratória, do anedótico, do didático, purificada,

⁸ “O poeta não deixa de ser, também, um músico. Poesia, música, é a mesma coisa.” (tradução nossa).

em suma, organicamente, a poesia atinge seu mais elevado estágio, num mundo de perspectivas extraordinárias, onde impera a intuição. Mas nem por isso está isenta de perigos, pela proximidade dessa outra pureza feita de abstenção: rondam-na os perigos do hermetismo, da desumanização, do silêncio total. [...] Narciso inspira o desejo de superar todas as formas possíveis. Então o artista se faz enigmático. A arte passa a ser encantamento de excepcionais, o poeta recebe o título de “joalheiro dos príncipes”. Não foi acaso dessa insatisfação pelo inexistente que surgiu a escola dadaísta, chegando André Breton a anunciar “la fin de cette immense farce qui a nom l’art? ...” (LISBOA, 1959, p. 81)

Radicalismos à parte, Matvejevitch Predrag, em *La poésie de circonstance*, dá notícia da visão de Roger Caillois sobre a poesia pura: isolar a poesia à maneira dos químicos, buscando extrair matéria pura, pode provocar, por falta de suporte, a sua destruição. Predrag também menciona Paul Eluard que, apoiado em Goethe, mostra que valor existe até mesmo no poema de circunstância. Aliás, para Goethe, “tout poème est de circonstance” (PREDRAG, 1971, p. 72, 77). E Paul Eluard acrescenta: a circunstância deve estar em concordância com o espírito e a razão do poeta:

La circonstance extérieure doit coïncider avec la circonstance intérieure comme si le poète lui-même l’avait produite. Elle devient donc aussi vraie que l’émotion amoureuse, que la fleur enfantée par le printemps, que la joie de construire pour ne pas mourir. Le poète suit son idée, mais cette idée le mène à s’inscrire dans la courbe du progrès humain.⁹ (ELUARD *apud* PREDRAG, 1971, p. 78)

Voltando a Valéry, o que se tem é que ele decreta a impossibilidade prática da poesia pura, reconhecendo que é a impureza presente na quase totalidade do poema que permite perceber a pureza de uns tantos versos. Bremond, pouco preocupado com o sentido, prega a intensidade poética alcançada pela transcendência religiosa. Intransigências à parte, não há como negar a existência de poesia pura em poemas nos quais só se consegue penetrar através da impureza.

Vários foram os autores que trataram da Querela da Poesia Pura – vale citar Bradley, Castagnino, Max Eastman e Georges Mounin, cuja leitura contribuiu para uma melhor compreensão da polêmica –, mas tudo indica que o assunto ainda não chegou ao fim.

⁹ “A circunstância exterior deve coincidir com a circunstância interior, como se fosse produzida pelo próprio poeta. Ela se torna, então, tão verdadeira quanto a emoção amorosa, a flor gerada pela primavera, a alegria de construir para não morrer. O poeta segue sua ideia, mas essa ideia o conduz a se inscrever na curva do progresso humano.” (tradução nossa).

Neste ponto do estudo, se se quer ser razoável, cabe investigar um pouco mais a trajetória de Henri Bremond, buscando resposta mais convincente para suas contradições, para, quem sabe, reconhecer seu projeto não declarado de estrategista em favor de determinado candidato à Academia... ou em detrimento de outro. Isso não seria surpresa, já que sua biografia, disponibilizada pela Academia Francesa, dá notícia de seu temperamento inconformista, o que, inclusive, levou-o a deixar a ordem jesuíta em 1904, dez anos após o seu ordenamento, a fim de se dedicar plenamente aos trabalhos críticos e literários.

Autor de uma obra considerável sobre a religião e a espiritualidade – aí incluída a *Histoire littéraire du sentiment religieux em France*¹⁰ –, Bremond se impôs como uma das personalidades mais eruditas da sua geração, sendo respeitado pela qualidade da sua obra e pela sua contribuição à crítica francesa do início do séc. XX.

A Querela da Poesia Pura deu-se em função de Bremond, aparentemente equivocadamente, ter creditado a Paul Valéry uma noção de poesia pura que não era a dele. Ora, aceitar tamanha contradição por parte de um estudioso do porte de Bremond, pesquisador de poesia contemporânea, autor de ensaios considerados magníficos, seria reconhecer uma ingenuidade que ele, seguramente, não tinha. Além disso, é bom não esquecer que, atacado por todos os lados, principalmente por Souday, não se tem notícia de uma resposta de Bremond à altura das provocações que recebeu; pelo contrário, ele mostrou-se tolerante, cínico às vezes, mas sempre demonstrando segurança, como a indicar que sabia aonde queria chegar.

Certo é que o “equivoco” de Bremond não convence. Melhor procurar outro motivo para tanto interesse em colocar na Academia Francesa um poeta cujos versos ele afirmava mal conhecer e garantia que “não releria”.

A partir desse ponto, restava buscar outra possível razão para tanto empenho e tanta contradição por parte de Bremond. Quem sabe conhecer o adversário de Valéry à cadeira de Anatole France na Academia Francesa naquele ano de 1925. A descoberta foi surpreendente, tanto com o perfil do candidato adversário de Valéry quanto com

¹⁰ Obra em 11 volumes, inacabada, produzida entre 1916 e 1933, data da morte de Bremond. Uma nova edição está sendo produzida e conterá ensaios temáticos de oito especialistas comprometidos com a elucidação da origem da obra, sua cronologia, evolução, título, plano, intenção profunda e conceitos, bem como discussão do seu caráter por vezes polêmico, sempre apaixonado e frequentemente exuberante. (Cf. *Esprit & Vie*, n. 164, jan. 2007, p. 10-14).

os desdobramentos da sua trajetória política, cujas consequências podem ser sentidas ainda hoje. O seu nome: Léon Bérard. Advogado e político bem sucedido da direita radical, suas atividades políticas tiveram início em 1901. Deputado e, mais tarde, senador, ele ocupou, paralelamente, vários ministérios. Foi nomeado Embaixador junto ao Vaticano em 1940, sete anos após a morte de Bremond. François Mauriac dele traça um retrato interessante:

J'aimais bien ce parlementaire à l'ancienne manière [...] Survivant d'un milieu où la culture était aimable, du temps que les philosophes atrabillaires n'avaient pas encore envahi la littérature. Mais qu'il devait être malin ce béarnais, de droite au fond, ami de l'Action française, et qui fit toute sa carrière sous la république radicale et jusqu'à régner à l'Instruction publique! Ambassadeur du maréchal auprès du Saint-Siège pour finir. Quand les choses se gâtèrent, il attendit sagement sous le porche de Saint-Pierre la fin de la grêle; et nous fûmes tous biens contents de le voir revenir".¹¹(Cf. www.academie-francaise.fr/immortels/base/academiciens/fiche.asp?param=564. Acesso em: 20 jun. 2007).

A biografia de Léon Bérard, também disponibilizada pela Academia Francesa, dá notícia do seu comportamento durante sua candidatura à Academia, registrada pelo jornalista Paul Léautaud: “Léon Bérard hantait les couloirs de la Société des Gens de Lettres, où il se répandait en promesses de faire aboutir le vote d'un statut fiscal moins onéreux pour les auteurs...”¹² (Cf. www.academie-francaise.fr/immortels/base/academiciens. Acesso em: 20 jun. 2007).

Autor dos “Décrets Bérard”, que instituíram o estudo do Latim no ensino secundário, Bérard se empenharia, alguns anos mais tarde, em 1941, em defender o “Statut des Juifs”, conjunto de medidas discriminatórias antisemitas, prelúdio da deportação e exterminação dos judeus. Antes disso, porém, em 1934 – um ano após a

¹¹ “Eu gostava bem desse parlamentar à moda antiga [...] Sobrevivente de um meio onde a cultura era amável, tempo em que os filósofos rancorosos não haviam ainda invadido a literatura. Mas ele devia ser nocivo, esse *béarnais* [natural de Sauveterre-de-Béarn], no fundo de direita, amigo da Ação Francesa, e que fez toda sua carreira sob a república radical até reinar na Instrução Pública! Embaixador do marechal [Pétain] junto à Santa Sé, por fim. Quando as coisas se complicaram, ele esperou sabiamente sob o pórtico da Catedral de São Pedro o fim da tempestade; e nós fomos todos bem contentes recebê-lo.” (tradução nossa).

¹² “Léon Bérard frequentava os corredores da Sociedade dos Homens de Letras, onde espalhava promessas de fazer aprovar o voto de um estatuto fiscal menos oneroso para os autores.” (tradução nossa). (Cf. www.academie-francaise.fr/immortels/base/academiciens/fiche.asp?param=564).

morte de Bremond e nove anos após a disputa com Valéry –, conseguiu ocupar, na Academia Francesa, a cadeira de Camille Jullian.

A partir de 2002, um novo e polêmico movimento se instala na França, agora buscando se redimir por ter, a partir de Bérard, prestado “homenagens a Vichy”, conforme noticiado pela *L’Université Syndicaliste* (Cf. <http://gogoan.neuf.fr/presse.htm>. Acesso em: 20 jun. 2007).

Inconformado por carregar o seu nome, o *Collège Léon Bérard* apresentou ao presidente do *Conseil Général des Pyrénées-Atlantiques*, Jean-Jacques Lasserre, no início de 2002, requerimento para mudança desse nome – e se mostra surpreso com o silêncio por parte das autoridades, conforme noticiado por Rémi Rivière, no *Le Journal du Pays Basque*, em 21 de maio:

Il est difficile pour la communauté éducative du collège d’admettre que le devoir de mémoire demandé à l’égard de nos élèves ne soit pas relayé efficacement par l’institution départementale [...] dans le contexte actuel où les valeurs de la République sont soulignées, nous nous interrogeons sur ce silence pesant.¹³

A imprensa, inconformada, manifestou-se durante todo o ano de 2002¹⁴. A *Tribune Libre*, em 24 de maio, reconheceu que o nome de Bérard não carrega os requisitos mínimos para ser honrado por um estabelecimento público de ensino. Nathalie Guibert, no *Le Monde* de 9-10 de junho, apoia o desejo do colégio de não carregar um nome ligado a Vichy.

A despeito dos valores invocados por aquela comunidade, Jean-Jacques Loustaudaudine, chefe da administração municipal de Donapaleu, não viu inconveniente em manter o nome do colégio. Dono de uma postura simplista, não hesitou em sugerir que há assuntos mais urgentes a tratar e estratégias mais simples a adotar.

No outono de 2002, com a volta às aulas, o número 14 do veículo de comunicação *Amikutz* dava uma ideia da posição serena e conforme das autoridades

¹³ “É difícil para a comunidade educacional do colégio admitir que o dever de memória requerido em consideração aos nossos alunos não tenha sido atendido eficazmente pela instituição departamental [...] no contexto atual, quando os valores da República são acentuados, nós nos interrogamos sobre esse pesado silêncio.” (tradução nossa).

¹⁴ Todas as informações da imprensa, citadas aqui e adiante, estão disponibilizadas no site <http://gogoan.neuf.fr/presse.htm>, visitado em 20 de junho de 2007.

locais: “Pourtant la rentrée scolaire s’est effectuée comme si de rien n’était et le collège doit continuer à rendre hommage à la collaboration et à l’antisémitisme!”¹⁵

Lasserre encerrou o debate, após consultar Christian Desplat e René Rémond, nomes bem conhecidos dos alunos de ciências políticas: “Avec tous les éléments aujourd’hui en ma possession, je ne compte pas apporter de modification au nom du collège”¹⁶. O *Enbata* de 21 de novembro, ao comentar a manutenção do nome do colégio por Lassere, lembrou que o busto de Léon Bérard orna a praça do Parlamento de Navarra, em Pau, como o mais antigo presidente do *Conseil Général*. Sarcástico, acrescentou: “confraternité obligé!”

É também em Pau que Léon Bérard empresta seu nome a uma avenida. A mudança do nome dessa avenida tem sido reclamada, mas isso não parece estar na ordem do dia, conforme explicação de André Labarrère: “On ne peut pas changer les noms de rues sans arrêt. Mais nous allons étudier cela, sereinement.”¹⁷

Até 2003, nenhuma das modificações requeridas pelas comunidades de Saint-Palais e de Pau haviam sido atendidas.

É interessante observar que, assim como Bremond se empenhou em exprimir o inexprimível, há, ainda hoje, políticos locais que se empenham, com a mesma garra, em “defender o indefensável”. A imprensa, entretanto, tem-se mostrado disposta a denunciar a omissão das autoridades e a apoiar as reivindicações das comunidades que não se sentem confortáveis em conviver com a lembrança de tão questionável personagem. Allande Socarros, no *Aministia.net-Les enquêtes interdites*, n. 29, de 22 de janeiro de 2003, dá notícia da situação, no artigo “Pays Basque: le collège et l’ambassadeur de Vichy”:

D’autres responsables politiques locaux, actuels et anciens, s’embarrassent d’encore moins de scrupules, qui n’hésitent pas à défendre l’indéfendable. Ainsi, Max Brisson, élu UMP chargé de l’éducation au Conseil Général des Pyrénées-Atlantiques et agrégé d’histoire qui déclare tout de go: ‘Pour moi, Bérard, c’est l’image du

¹⁵ “Contudo, o retorno escolar se deu como se nada houvesse e o colégio deve continuar a prestar homenagem à colaboração e ao antisemitismo!” (tradução nossa).

¹⁶ “Com todos os elementos hoje em meu poder, eu não tenho intenção de fazer modificação no nome do colégio.” (tradução nossa).

¹⁷ “Não se pode mudar os nomes de ruas sem decreto. Mas nós vamos estudar isto, serenamente.” (tradução nossa).

ministre, démocrate-chrétien, à mille lieux de l'extrême droite. Je ne dis pas qu'il n'a pas été maréchaliste, mais cette chasse aux anciens fonctionnaires de Vichy, avec son lot d'anachronismes et de caricatures, peut mener loin! Vous savez, quand on lit ce qu'Eluard et Aragon ont écrit sur Stalin et sur l'URSS, on peut se poser des questions...' (L'Express, 4 Juillet 2002). Sans la même veine ignominieuse, Franz Duboscq, aujourd'hui en retraite de vie politique, ne lui cède en rien, qui déclare: *'A part son inéligibilité pour dix ans, il n'a pas été jugé à la Libération (sic!). En 1990, un colloque sur Bérard s'est tenu au Parlement de Navarre (qui, comme son nom ne l'indique pas, est le siège du Conseil Général des Pyrénées-Atlantiques, NDLR). Personne n'a élevé la voix. Ne pourrait-on pas le laisser reposer en paix?'* (re-sic!)¹⁸

Não apenas descansar em paz, mas com seu nome para sempre inscrito na Academia Francesa.

A investigação empreendida permite inferir que, a partir de critérios bem específicos e à custa de ter levado a pecha de contraditório e superficial, Bremond, mais do que trabalhar em favor da candidatura de Valéry, estava empenhado, na verdade, em trabalhar contra a entrada, na Academia Francesa, de um político radical de extrema direita. Certo é que, independente das razões de um ou de outro, ganhou com isso a Literatura, alvo, durante cinco anos, de debates e polêmicas em que se envolveram os grandes nomes da cena crítica francesa das primeiras décadas do século XX.

A poesia pura? Ah, essa parece ser – apenas e entre tantas – mais uma impossibilidade.

¹⁸ “Outros responsáveis políticos locais, atuais e antigos, se preocupam cada vez menos e sequer hesitam em defender o indefensável. Assim, Max Brisson, eleito pela UMP como responsável pela Educação no *Conseil Général des Pyrénées-Atlantiques* e adjunto de História, declara sem preâmbulos: *'Por mim, Bérard, é a imagem do ministro democrata-cristão, a meio caminho da extrema direita. Eu não digo que ele não tenha sido marechalista, mas essa caça aos antigos funcionários de Vichy, com sua porção de anacronismos e de caricaturas, pode manter-se longe! Vocês sabem, quando se lê o que Eluard e Aragon escreveram sobre Stalin e sobre a URSS, pode-se questionar...'* Sem a mesma veia ignominiosa, Franz Duboscq, hoje aposentado da vida política, não fica atrás ao declarar: *'À parte sua ineligibilidade por dez anos, ele não foi julgado pela Liberação (sic!). Em 1990, houve um colóquio sobre Bérard no Parlamento de Navarre (que, como seu nome não indica, é a sede do Conseil Général des Pyrénées-Atlantiques, NDLR). Ninguém elevou a voz. Não se poderia deixá-lo descansar em paz?'* (re-sic).” (tradução nossa)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, A. J. La querelle de la poésie pure: une mise au point. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Paris: [s.n.], p. 445-454, mai-juin, 1970.

Biographie. Henri Bremond. Homme d'église, historien de la littérature, critique littéraire. Disponível em: www.academiefrancaise.fr/immortels/base/academiciens/fiche.asp?param=539. Acesso em: 20 jun. 2007.

BRADLEY, A. C. Poetry for poetry's sake. In: _____. *Oxford lectures on poetry*. London: Macmillan, 1962. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

BREMOND, Henri. La poésie pure. In: _____. *La poésie pure*. Avec un débat sur la poésie pure par Robert de Souza. Paris: Bernard Grasset, 1926. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

CASTAGNINO, R. H. En torno de la poesía pura, sus señales y efectos. In: _____. *Fenomenología de lo poético*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1980.

DECKER, Henry W. Une querelle de mots mal définis: inspiration et technique. In: _____. *Pure poetry (1925-1930): theory and debate in France*. Berkeley: University of California Press, 1962. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

EASTMAN, Max. The tendency toward pure poetry. In: _____. *The literary mind: its place in an age of science*. New York: Octagon Books, 1969, p. 79-92. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

Esprit & Vie, n. 164, jan. 2007, p. 10-14. Une nouvelle édition de l'Histoire littéraire. Disponível em: www.esprit-et-vie.com/article.php?id_article=1769. Acesso em: 20 jun. 2007.

GOMBROWICZ, Witold. Contre la poésie. In: _____. *Contre les poètes*. Bruxelles: Editions Complexe, 1988, p. 25-37. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

LISBOA, Henriqueta. Poesia pura. In: *Convívio poético*. Belo Horizonte: Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, 1959.

MARX, William. Musique et poésie pure: la fin d'un paradigme. *Revue de théorie et d'analyse littéraires*. [s.l.]: Ed. Seuil, n. 131, p. 357-366, sep. 2002.

MOUNIN, J. Une relecture de la poésie pure. In: Henri Bremond (1865-1933). *Actes du Colloque d'Aix*. Aix-en-Provence: Annales de la Faculté de Lettres, 1966.

PREDRAG, Matvejevitch. *La poésie de circonstance*. Paris: Nizet, 1971.

VALÉRY, Paul. Anotações de um poeta; poesia pura. In: *Oeuvres*, I. Paris: Gallimarde, 1957, p. 1447-1463. [Tradução Sérgio Alves Peixoto].

WARREN, Robert Penn; Pure and impure poetry. In: RAMSOM, John Crowe (Ed.). *The Kenyon critics: studies in modern literature from the Kenyon Review*. Cleveland: The World Publishing Company, 1951, p. 17-42.

Notícias de imprensa: www.gogoan.neuf.fr/presse.htm